

O QUE OS PROFESSORES PENSAM SOBRE AS BRINCADEIRAS LIVRES NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Debora Mesquita de Lima ¹
Veronica Cleia Pereira ²
Fátima Lúcia Soares Ribeiro ³

RESUMO

O brincar se revela como expressão de linguagem, o que promove desenvolvimento cognitivo, afetivo, pessoal e social da criança. Este estudo teve como objetivo investigar o que pensam professores da educação infantil em relação às brincadeiras livres. Teóricos como Oliveira (2002) enfatizam a importância de a criança vivenciar vários cenários, suas regras e condutas; e Kishimoto (2011) destaca o jogo simbólico na promoção da linguagem, aprendizagem e relações sociais. Além disso, este estudo deu ênfase às memórias dos professores, questionando se essas memórias constituem significados de relevância na criação de ambientes lúdicos. Foram entrevistadas quatro professoras de um CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) da Rede Municipal do Recife, nas entrevistas constatamos que as docentes não só consideram importantes as brincadeiras livres, como as utilizam nas suas práticas diárias com as crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil, Brincadeiras Livres, Memórias.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o brincar configura um dos eixos estruturantes das práticas pedagógicas no currículo da educação infantil no Brasil, como destaca as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (DCNEI, 2010, p.25).

A brincadeira se constitui como linguagem da criança; e o uso que se faz dela traz indícios de como ela vê e compreende o mundo, e é por meio dessa linguagem que cada criança potencializa as interações com o meio social. Através do brincar a criança explora uma série de conhecimentos cognitivos, afetivos, pessoais e sociais, um meio real de aprendizagem. São momentos muito ricos de possibilidades, (re)construções e (re)significados, nos quais os professores devem lançar-se de um olhar observador das crianças para enriquecimento de suas práticas. É de grande relevância que essas brincadeiras

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UFPE, deboralima0423@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UFPE, veronicacleiapereira@hotmail.com;

³ Mestra em Psicologia Cognitiva. Professora do DMTE/CE/ - fatimalsribeiro@yahoo.com.br;

não sejam comprometidas de muitas intervenções, sendo assim, o brincar livre, aquele que se caracteriza por não ser dirigido diretamente pelo professor, é essencial para que as crianças exercitem o jogo simbólico e consigam criar sistemas de representação da realidade em que vivem, possibilitando a dinâmica entre realidade e fantasia. Como diz Kishimoto (2011) “No desenvolvimento das crianças, é evidente a transição de uma forma para outra através do jogo, que é a imaginação em ação. A criança precisa de tempo e de espaço para trabalhar a construção do real pelo exercício da fantasia”, (KISHIMOTO, 2011, p. 55).

O tema surgiu a partir das experiências vivenciadas durante as disciplinas de Estágio supervisionado- Política e Prática Pedagógica na Educação Infantil (PPP6), quando observamos como o brincar livre é pouco valorizado pelos docentes e acontece de forma restrita dentro das salas de aula da Educação Infantil, sendo interpretado muitas vezes como atividades que não são importantes por não possuírem intencionalidade pedagógica.

Objetivo Geral

Diante do que foi dito anteriormente, este trabalho tem como Objetivo Geral:

- Compreender o significado das brincadeiras livres para professores de educação infantil.

Objetivos Específicos

- Caracterizar as concepções dos professores sobre brincadeiras livres.
- Identificar se os professores, em seus discursos, proporcionam momentos de brincadeiras livres no seu dia a dia.
- Analisar se os professores percebem a influência das suas memórias sobre o brincar no trabalho com seus alunos.

METODOLOGIA

O presente artigo analisou o conceito dos professores a respeito das brincadeiras livres na educação infantil. Procuramos trazer elementos que refletissem a importância do brincar nessa fase da vida, possibilitando que os entrevistados demonstrassem seu conhecimento sobre as brincadeiras livres e de jogos simbólicos através das perguntas realizadas.

De maneira geral, em busca de investigar o que pensam os professores sobre as brincadeiras livres, e se eles praticam este tipo de brincadeira com seus alunos, visitamos um CMEI (Centro Municipal De Educação Infantil) localizado no Recife e realizamos entrevista

semiestruturada com as docentes. Foram entrevistadas as docentes do grupo 2, grupo 3, grupo 4 e grupo 5, totalizando quatro professoras entrevistadas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas.

Os dados obtidos nos ajudaram a perceber a presença ou não das brincadeiras livres na rotina das crianças e o que os professores pensam sobre elas.

DESENVOLVIMENTO

A importância do brincar

Tomando como base os documentos oficiais da educação no Brasil, (RCNEI, DCNEI, BNCC), observamos que todos possuem como eixo norteador pedagógico as Interações e Brincadeiras. Dessa forma, o brincar assume um papel essencial na Educação Infantil. Este estudo propôs investigar o que pensam os professores sobre as brincadeiras livres, dessa maneira, faz-se necessária uma discussão a respeito da importância do brincar e as memórias relacionadas a essas concepções.

Existem diferentes definições acerca do brincar, alguns autores consideram o brincar difícil de ser definido diante das diferentes formas e desafios que ele pode representar. Kishimoto, por exemplo, fala que a brincadeira “É a ação que a criança desempenha ao concretizar regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação” (KISHIMOTO, 2011, p.24).

Já Moyles (2002) entende que o brincar deve ser visto como um processo, e que se encararmos dessa forma, não precisamos defini-lo.

Se aceitamos o brincar como um processo, fica óbvio que uma definição satisfatória será elusiva. Tentem definir, por exemplo, o processo de apaixonar-se: nos deparamos imediatamente com muitas variáveis da situação e o tipo de química pessoal envolvida. A qualidade do brincar de uma criança depende igualmente de inúmeras variáveis, entre os quais o valor que a criança e outros atribuem a ele (MOYLES, 2002, p.24).

Para Oliveira (2000), O brincar perpassa o recrear, é uma forma de comunicação que a criança tem consigo e com o mundo, assim o desenvolvimento se dá através das interações que se firmam durante sua vida.

Todas essas definições ou pontos de vista acerca do brincar demonstram que, independente da perspectiva, o brincar revela-se fundamental para o desenvolvimento da criança, não só como forma de divertimento e recreação, mas também como um processo de aprendizagem e comunicação sua para com o mundo.

Brincadeiras livres/ não dirigidas

As brincadeiras livres caracterizam-se por não serem totalmente dirigidas pelo professor, que não necessariamente fica de fora do processo, mas precisa estar atento, e envolver-se apenas quando necessário. Diferentemente da brincadeira direcionada e idealizada pelo professor, as brincadeiras livres são pensadas pelas próprias crianças e desfrutadas em conjunto com seus pares. Nesse tipo de brincadeira as crianças criam suas próprias regras, personagens e histórias de forma livre e autêntica, entrando no jogo de realidade e fantasia, no qual podemos observar as perspectivas do mundo em que vivem.

A brincadeira simbólica leva à construção pela criança de um mundo ilusório, de situações imaginárias onde objetos são usados como substitutos de outros, conforme a criança os emprega com gestos e falas adequadas. Nessa situação a criança reexamina as regras embutidas nos atos sociais, as regulações culturais que fazem que a mãe seja quem fica em casa enquanto o pai sai para o trabalho em certos grupos sociais, por exemplo. Isso ocorre conforme a criança experimenta vários papéis no brincar e pode verificar as consequências por agir de um ou de outro modo. Com isso internaliza regras de conduta, desenvolvendo o sistema de valores que irá orientar seu comportamento (OLIVEIRA et al. 2002, p. 55).

As atividades de jogo simbólico e faz de conta são as que melhor representam as brincadeiras livres, tornando-se essenciais para que as crianças estabeleçam concepções de linguagens e aprendizagens, adaptando-se melhor ao jogo de regras e outras relações pessoais, internalizando novos comportamentos. Dessa forma, vão compreendendo e transformando uma coisa em outra, aprendendo a expressar os enredos a que tem acesso com autonomia, como se fossem maiores do que realmente são. Como diz Kishimoto (2011):

Assim, na criança a imaginação criadora surge em forma de jogo, instrumento primeiro de pensamento no enfrentamento da realidade. Jogo sensorio-motor que se transforma em jogo simbólico, ampliando as possibilidades de ação e compreensão do mundo (KISHIMOTO, 2011, p.57).

Memórias da Infância

As memórias constituem significados de grande relevância na vida do indivíduo, elas resultam de experiências, de interações concebidas no passado, de histórias que marcaram um

período histórico-social, que podem até perpetuar um momento através de uma simples fotografia. Diante de tanto imediatismo, arquiteturas urbanas que sustam o direito de espaços públicos e gratuitos e que garantem trocas tão singulares, é necessário refletir que o brincar perpassa todos os pensamentos de uma simples brincadeira, e se faz presente na constituição de seres autônomos e plurais.

Os professores não são diferentes, estes possuem memórias de sua caminhada, do período escolar, de seu tempo enquanto estudantes, das crianças que foram um dia. Os docentes destacam-se neste quesito porque iniciam sua formação a partir das primeiras experiências na escola, aquelas de quando crianças, assim, de forma consciente ou não, o professor sempre busca esse arquivo como forma de explorar possibilidades e formação, a partir do acesso às memórias de infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

. Apresentamos os dados colhidos nas entrevistas realizadas com as professoras. Daremos início apresentando a tabela de dados referente à formação e o tempo de trabalho das professoras; em seguida passaremos as respostas às questões sobre o brincar.

Quadro 1 – Formação das Professoras⁴

| PROFESSORA | FORMAÇÃO | TEMPO DE TRABALHO | TEMPO DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL |
|--------------------|-----------|-------------------|--|
| Ana (CMEI A) | Pedagogia | 10 anos | 10 anos |
| Maria (CMEI A) | Geografia | 19 anos | 16 anos |
| Fátima (CMEI A) | Pedagogia | 20 anos | 20 anos |
| Joana (CMEI A) | Pedagogia | 30 anos | 24 anos |

⁴ Os nomes das professoras são fictícios.

Através da tabela acima, podemos observar que apenas uma professora possui formação na área de geografia, todas as outras professoras entrevistadas são formadas em pedagogia. Outro ponto importante é o tempo de formação dessas profissionais, todas possuem acima de 10 anos de atuação na educação infantil. De uma maneira geral, o tempo de trabalho corresponde ao tempo de trabalho na educação infantil.

Nesse momento passamos as respostas às entrevistas. Quando perguntadas sobre o que seria “Brincar”, todas as professoras entrevistadas foram unânimes em considerar o brincar como uma expressão natural da criança. Como podemos observar nas falas a seguir:

Professora Fátima: *“- Penso que brincar é tão difícil definir, a brincadeira, o brincar. Mas acredito que é um movimento, uma expressão natural da criança, que está tão relacionado à interação com o outro, a interação consigo mesmo, com os objetos. É uma forma de você viver o imaginário, idealizar uma realidade que não é realidade, enfim, uma oportunidade também de diversão, de criação, de imaginação, de uma forma lúdica”*.

Professora Ana: *“- Brincar é, na minha concepção, como se fosse uma linguagem”*. É uma linguagem da criança, acho que, não só da criança, mas acho que de todo mundo. Todo mundo pode brincar, é um tipo de linguagem, vamos dizer assim.

Percebe-se na fala das professoras o quanto elas acreditam que esse brincar é significativo para as crianças, sendo, inclusive, atrelado a interação consigo e com seus pares. Esses discursos reiteram o que as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil possuem como eixos estruturantes, as Interações e Brincadeiras, como podemos ver no trecho a seguir: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” – (DCNEI, 2010, p.25).

A respeito do brincar e a importância dele para as professoras, todas avaliam que o brincar é muito importante, mas revelam que não só apenas na infância, que esse brincar é fundamental, mas também na fase adulta, como podemos observar nas falas a seguir:

Professora Ana: *“- Sim, se tratando de criança e de adulto também, é importante brincar, da criança pequena à criança grande. Tive a oportunidade de fazer uma experiência de fato com as crianças maiores, criança de quinto ano, então era um paralelo, um extremo. E aí, eu testei de levar as coisas que eu fazia para as crianças de educação infantil para as crianças do quinto ano, e eu vi que realmente está muito presente essa necessidade das brincadeiras para eles, desse momento livre para criar, criar suas histórias, criar suas brincadeiras... Também tinha a contação de histórias, os*

momentos juntos, cantar... E aí, eu saía levando, o que eu fazia com os meninos na creche, levava para o quinto ano. A princípio, eles ficaram assim: “há, isso é coisa de menininho”, “Coisa de criancinha”, e no começo, fui bem dura “Mas vamos fazer sim”, “vai ser assim”, e depois eles já perguntavam: “Tia, você não vai fazer isso hoje?”, “A senhora não trouxe o tapete mágico?”“. E aí, eu percebi que realmente eles precisam, a criança de quinto ano tem aquela rotina engessada que eu vejo no fundamental, mas, eles também precisam desses momentos.”

Professora Fátima: “- Sem dúvidas. O brincar é importante em todas as fases da nossa vida, não apenas na infância, a gente pensa que brincar é coisa só de criança e não é, é algo que faz parte da natureza do ser humano de maneira geral. Então, brincar é importante”.

Quando questionadas sobre os momentos de brincadeiras livres e faz de conta, todas as professoras revelam praticar esse tipo de brincadeira com as crianças, e que existe uma sala ambiente com esse propósito, seu uso acontece no formato de rodízio entre as turmas, entretanto, esses momentos não ficam presos a acontecerem somente nessa sala, como podemos ver abaixo:

Professora Fátima: “- Especificamente o grupo que estou trabalhando este ano, que é o grupo dois, eles têm como sala de referência (a sala em que eles são recebidos) a sala de faz de conta, então, desde o momento em que eles chegam, até o momento em que eles saem, eles estão vivendo o faz de conta, mesmo quando eles não estão dentro da sala porque a gente visita os outros espaços, a gente está vivendo alguns jogos, algumas brincadeiras que por vezes são dirigidas por mim, por vezes são iniciadas por mim e depois eles dão continuidade, por vezes eu estou brincando junto com eles, e por vezes eu nem chego junto, eu só acompanho observando as brincadeiras que eles mesmos criam. Então, há momentos em que eu estou na condução das brincadeiras, fazendo o convite. Por exemplo, estou na sala de faz de conta, e tem lá as fantasias, eu pego uma e visto, começo a dar vida a um personagem e eles começam a me olhar e querer entrar nessa brincadeira também, eu vou fazendo o convite construindo o enredo, e eles vêm junto. E aí um mais esperto entra nessa fantasia e constrói um enredo junto comigo, a gente vai fazendo aquela troca, e eles começam a brincar juntos. Tem momentos que eu até saio desse cenário, e eles continuam a brincadeira. Então eu iniciei, fiz um direcionamento, mas depois eles continuaram. E também há situações em que eu não faço um direcionamento, faço um direcionamento indireto, como por exemplo, organizar o espaço com alguns objetos e brinquedos, ou um cantinho com ferramentas e um carro sem pneu, um outro espaço mais na frente com algumas fantasias, um chapéu de bruxa, um outro espaço com algumas panelinhas, e sem que eu faça nenhum convite, esse espaço já está fazendo o convite para eles. Então, a partir do seu interesse, eles escolhem o cantinho para brincar, fazem a escolha dos colegas que vão estar juntos na brincadeira e brincam. É uma brincadeira que não está sendo dirigida por mim, mas de certa forma foi construída, idealizada naquele ambiente, e as crianças usam a imaginação nessa hora”.

Analisando a fala da professora Fátima, observamos que ela se preocupa com a sua atuação durante as brincadeiras, percebendo o melhor momento de convidar para a brincadeira, de conduzir, de mediar e de se retirar. Essa percepção é fundamental, como diz Moyles (2002):

Parte da tarefa do professor é proporcionar situações de brincar livre e dirigido que tentem atender às necessidades de aprendizagem das crianças e, neste papel, o professor poderia ser chamado de um iniciador e mediador da aprendizagem. (MOYLES, 2002, p.36).

Ao partir para a importância dessas brincadeiras, mas agora nos referindo à contribuição delas na formação das crianças, as professoras atentam para a riqueza das trocas nas relações do jogo simbólico que trazem de suas casas na imitação de situações criadas por eles mesmos, do jogo de papéis na construção do reconhecer-se, de sua identidade. Como podemos ver nas falas das professoras a seguir:

Professora Maria: “- Sim. E eu acho que aí, existe um papel que é bem difícil, o papel da observação do professor. O que acontece comigo nos momentos que eles estão nas suas criações? Então é esse olhar, para o universo das elaborações das narrativas, dos enredos. Então, na formação dessa criança, eu vejo muita coisa durante essa brincadeira. Eu vejo como ela está se relacionando com a família dela, ela traz pela brincadeira um pouco do que ela vive lá fora, então na formação dessa criança, isso é importantíssimo. Não se ensina a criança a brincar, se permite que ela brinque, eu costumo muito dizer isso aos educadores que começam a trabalhar comigo, não se ensina, se permite. É nato. É da natureza da infância”.

Professora Ana: “Com certeza. Acredito muito. A questão do jogo simbólico é superimportante para eles. É muito bom quando eles estão na sala de faz de conta, que é o momento que eu posso parar para observá-los nessas relações que eles vão criando com os colegas e educadores. Às vezes eles refletem situações em outros ambientes, eu acho que é um momento muito importante para eles, extremamente importante”.

Finalizamos a entrevista perguntando se as memórias da infância interferem na elaboração de espaços lúdicos nas rotinas com as crianças, e logo percebemos unanimemente nas respostas como essas lembranças são fortes. Elas acrescentam, como reverbera no adulto brincante de hoje, os momentos de brincadeiras oportunizados quando crianças e chamam a

atenção para o aprisionamento dessas brincadeiras, restringidas a espaços cada vez mais fechados por causa da violência:

Professora Maria: *“Sim. Uma criança que não brincou com certeza será um adulto que vai ter dificuldade de brincar com uma criança. O adulto brincante, ele teve experiências muito positivas na infância, e a gente teve uma infância muito rica, em especial a minha, que sou do interior, então ela vem com uma carga muito grande na relação com o meio, na relação com o ar livre, com a rua, com os amigos da rua. Então essas lembranças são muito fortes, ajudam-me a criar esses ambientes, inclusive, por exemplo, na sexta-feira é dia do brinquedo que eles podem trazer de casa para a escola, e uma das nossas crianças trouxe oito panelas, panelas de verdade, da cozinha da mãe e panelinhas de plástico. Eu lembro como se fosse hoje, ela tirou do saco oito panelas. Então assim, não estava no meu planejamento, trazer algo voltado à cozinha e nem eu sabia o que ela ia fazer com aquelas panelas. Na hora que isso aconteceu, ela pegou palitinhos de picolé e mexeu em uma das panelas, então eu disse, “A proposta é cozinhar mesmo”. Então eu lembro que na minha infância, a gente ia para baixo do pé de abacate e fazia fogãozinho de mentira de tijolo, pegava a folha do pé de abacate e picava dentro da panela, mexia. E aí, eu fui para um local aqui na frente da nossa creche, que é uma mandala de ervas aromáticas, peguei hortelã, capim santo, alecrim, peguei os raminhos e trouxe para a sala, forneci as crianças, a gente conseguiu com a professora de outro grupo, oito toucas, deixei à vontade para quem quisesse usar e a brincadeira durou mais de duas horas e não estava no meu planejamento pedagógico. Não foi planejado por mim, partiu deles essa ação, fui permissiva a trazer água também, os cheiros das ervas subiram, e a gente trabalhou esse cheirar. Então essa brincadeira foi muito legal, e foi proposta por elas. E as crianças que trouxeram carro, boneca, foram todas brincar com a panela, e aí eu acrescentei um pouco de panelas do nosso acervo e levei para a sala de aula também, não era sala de faz de conta, mas virou um faz de conta ali dentro”.*

Professora Joana: *“Eu creio que o tempo inteiro a gente traz. Na nossa prática a gente vive muito o que vivenciou. Se você não é uma pessoa brincante, você não vai ser um professor brincante, é muito mais difícil você não ser e ter que atuar sendo aquilo que você não é. Eu costumo trazer brincadeiras sim, sou muito falante, e minha turma é extremamente falante, a gente termina querendo trazer a brincadeira também. Eu tive uma infância que ainda peguei uma época em que as casas não tinham muro, era um terreno para todas as crianças brincarem, depois foram chegando as primeiras cercas, e por fim, quem tinha condições, os muros. E hoje em dia está todo mundo enjaulado, acho que as crianças hoje em dia têm pouco espaço para brincar, se têm condições de viver em casa ou apartamento, ficam isoladas, porque ninguém tem condições mais de brincar na rua na maioria das comunidades, por causa do perigo. Se não tem espaço para brincar e vai para a rua, também há situações de violência. É um tanto complicado. Eu brincava muito de queimado, de panelinha debaixo do pé de azeitona, pegava dois tijolos e fazia a comidinha mesmo, minha mãe me dava um punhado de arroz, e a gente fazia, acendia o fogo. Hoje em dia, é mais difícil fazermos isso. Então eu procuro*

deixar que elas brinquem bastante, que elas vivenciem essa ludicidade, esse faz de conta, porque para mim é importante, eu vivenciei muito isso. Quando era dia de chuva, eu ia para debaixo da mesa, amarrava um pano das pernas da mesa e fazia uma rede, e ali era minha casinha, embaixo da mesa. As crianças hoje em dia também vivenciam pouco isso, nesse sentido aqui a gente consegue fazer, temos uma casinha de verdade dentro da sala, e a gente o tempo inteiro está correndo atrás dos recursos, secador de cabelo, panelinha, potinhos, alicates, ferramentas, carrinhos, bonecas que contemplem bonecas negras. Talvez se eu não tivesse vivenciado isso, hoje eu olharia como um momento de desperdício da minha prática, da minha rotina. Uma perda de tempo... Eu deixo que elas brinquem ao invés de estarem fazendo uma “tarefinha”.

Nas declarações das professoras, percebemos que suas lembranças de quando crianças enriquecem suas práticas, e que essas memórias estão o tempo todo sendo visitadas, é o que se confirma a seguir:

Todos os professores têm memórias de sua trajetória. São crianças emblemáticas em questões não respondidas que são vividas na lembrança, situações que podem ser narradas com detalhes minuciosos... Ninguém esquece o que o inquieta. O pensamento não comporta e não respeita as linearidades do tempo cronológico. Ademais, para além da vida de professor estão também as inscrições da infância. As memórias da escola, o aluno que fomos um dia. A criança que fomos, e que continuamos sendo. (CANCIAN; GALLINA; WESCHENFELDDER, 2016, p.290).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada, observamos que todas as professoras entrevistadas consideram o brincar livre/ não dirigido importante, e afirmam realizar momentos desse tipo durante a rotina das crianças. Esse resultado contraria a experiência que nos motivou a iniciar essa pesquisa durante o estágio curricular, na disciplina de Política e Prática Pedagógica (PPP 6)- Estágio na Educação Infantil, pois não notamos a presença de brincadeiras livres e de jogos simbólicos, as atividades e momentos lúdicos eram sempre idealizados e escolhidos pela professora. Dessa forma, esta pesquisa nos proporcionou enxergar e ouvir profissionais que acreditam e dizem possibilitar este tipo de brincar.

Durante a análise das entrevistas, percebemos que as professoras foram unânimes em considerar o brincar uma importante ferramenta de aprendizagem, e o encaram como algo natural da criança. Assim sendo, reafirmam em sua prática o que dizem os documentos

oficiais que regem a educação, que trazem como eixos estruturantes as Interações e Brincadeiras, a exemplo Das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (DCNEI, 2010, p.25).

As memórias da infância foram mais um fator unânime entre as professoras. Todas afirmam que suas memórias de infância influenciam no seu dia a dia profissional, seja na construção de um ambiente lúdico e atrativo, na retomada de brincadeiras mais antigas, populares e de rua, ou nas vivências escolares. Essas memórias também perpassam pelos sentimentos, reconhecendo as emoções que a criança sente no momento do brincar. Assim, “Todo professor começou uma formação docente nas suas primeiras experiências na escola. A formação profissional do professor está o tempo todo negociando – consciente ou inconscientemente - com essas memórias” (CANCIAN; GALLINA; WESCHENFELDDER, 2016, p.291).

Dessa forma, pode-se afirmar que as Brincadeiras livres e de Jogos Simbólicos configuram uma importante ferramenta de interação entre o professor e a criança. Esse tipo de brincar possibilita momentos de aprendizagens reais. Como diz Moyles (2002) “Por meio do brincar livre subsequente e ampliado, as crianças provavelmente serão capazes de aumentar, enriquecer e manifestar sua aprendizagem” (MOYLES, 2002, p.33). O brincar livre e de jogo simbólico torna-se indispensável ao desenvolvimento infantil, permitindo a criança explorar novas potencialidades e desafios, além de ampliar sua criatividade, imaginação e comunicação com o mundo, sendo necessário estar na rotina escolar das crianças, em especial, na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer CEB nº 022/98 aprovado em 17 de dezembro de 1998. Relator: Regina Alcântara de Assis. Brasília, DF, 1998. Disponível em: < <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf> >. Acesso em 15 out. 2018.

CANCIAN, Viviane Ache; GALLINA, Simone Freitas da Silva; WESCHENFELDER, Noeli. **Pedagogia das Infâncias, crianças e docências na educação infantil**. – [Santa Maria]: UFSM, Centro de Educação, Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo; [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2016.

KISHIMOTO, Tizuco M. (Org); **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação** / - 14. Ed. – São Paulo; Cortez, 2011.

MOYLES, Janet R. **Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil** / Janet R. Moyles; tradução Maria Adriana Veronese. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

OLIVEIRA, Z. M. et al. **Creches: Crianças, Faz de conta & cia**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.